O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

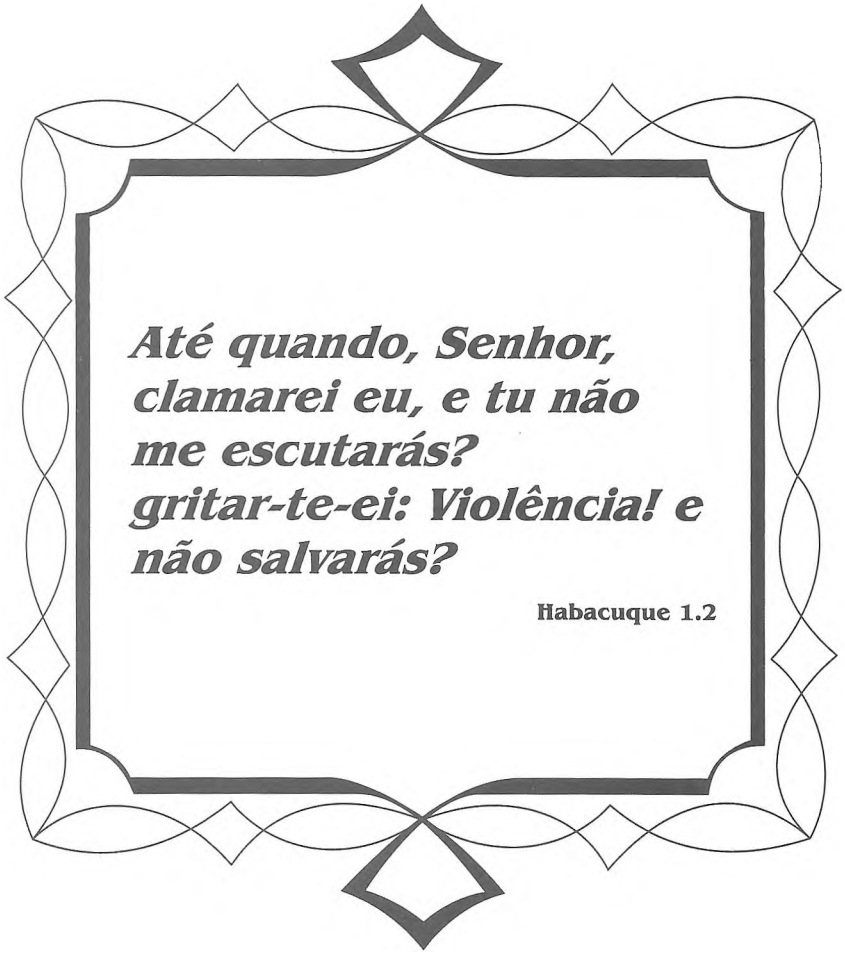
Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

HABACUQUE

HAGNOS

HABACUQUE

O Livro que Prometeu Julgamento sobre Judá e Babilônia



Habacuque

3 Capítulos
56 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. O Profeta
II. Caracterização Geral
III. Data
IV. Estilo Literário e Unidade
V. Pano de Fundo e Propósito
VI. Canonicidade e Texto
VII. Conteúdo e Mensagem
VIII. Bibliografia

I. O Profeta

No hebraico, o nome dele significa "abraço amoroso" ou, então, "lutador". Habacuque foi um dos mais distinguidos profetas judeus. Sua obra aparece entre as dos chamados oito profetas menores. Essa palavra, "menores", nada tem que ver com a estatura do indivíduo ou com a importância de sua obra, mas apenas com o volume dos escritos, em contraste com os "profetas maiores", como Isaías, Jeremias e Ezequiel, cuja produção foi bem mais volumosa. Não dispomos de informação segura sobre o lugar de nascimento, sobre a parentela e sobre a vida de Habacuque. Obras apócrifas dizem algo a respeito, mas suas informações são conflitantes, pois, mui provavelmente, foram forjadas. O pseudo-Epifânio (de Vitis Prophet, opp. tom. 2.18, par. 247) afirma que ele pertencia à tribo de Simeão, tendo nascido em um lugar de nome Baitzocar. Dali, supostamente, ele fugiu para Ostrarine, quando Nabucodonosor atacou Jerusalém. Mas, depois de dois anos, voltou à sua cidade natal. Porém, os escritores rabínicos fazem Habacuque ser da tribo de Levi, além de mencionarem um lugar diferente de seu nascimento (Huetius, Dem. Evang. Prop. 4, par. 508). Eusébio informa-nos que havia em Ceila, na Palestina, um proposto túmulo desse profeta. Nicefo (Hist. Eccl. 12.48) repete essa informação. Todavia, ainda há outras histórias contraditórias.

Alguns estudiosos pensam que ele era o filho da mulher sunamita mencionado em II Reis 4.16 ou, então, que seria o "atalaia" referido em Isaías 21.6. Outros pensam que ele também esteve na cova dos leões, em companhia de Daniel. Esta última informação aparece na obra apócrifa Bel e o Dragão (vs. 33 ss.). Mas tudo parece ser tão imaginário quanto o que aparece nas obras apócrifas.

O próprio livro de Habacuque presta-nos bem poucas informações. O trecho de Hab. 3.19 indica que ele estava oficialmente qualificado para participar do cântico litúrgico do templo de Jerusalém, e isso parece indicar a exatidão da informação que o aponta como um levita, visto que estava encarregado da música sacra. É curioso que não nos seja dado o nome de seu pai, nem a sua genealogia, algo contrário aos costumes judaicos. Elias também pode ser mencionado como uma das grandes personagens do Antigo Testamento, cuja genealogia não é dada.

II. Caracterização Geral

Habacuque viveu em tempos dificílimos. À semelhança de Jó, ele enfrentou o problema do sofrimento dos justos. Ver no Dicionário o artigo sobre o Problema do Mal. Por que razão um Deus justo silencia e nada faz, quando os ímpios devoram aqueles que são mais justos do que eles (1.13)? A resposta certa é que devemos deixar a questão aos cuidados da vontade soberana de Deus, crendo que ele continua sendo soberano, e que, a Seu próprio modo e no tempo certo, usará de estrita justiça com todos os seres humanos, incluindo os ímpios. Destarte, "... o justo viverá por sua fé" (Hab. 2.4), uma famosa declaração que posteriormente foi incluída no Novo Testamento. Alguns eruditos sugerem que uma melhor tradução, nesse versículo, seria "o justo viverá por sua fidelidade", e, nesse caso, os trechos de Rom. 1.17; Gál. 3.11 e Heb. 10.38,39 não contêm aplicações exatas. O ensino parece ser que os caldeus produziriam muita destruição, mas, no fim, haveriam de ser julgados, por sua vez. Entrementes, os justos confirmariam sua espiritualidade e sua maneira de viver piedosamente, vivendo em fidelidade, de acordo com os princípios da justiça, o que se reveste de grande valor diante de Deus.

O livro de Habacuque, na verdade, é um poema em duas partes, que alude à queda final da Babilônia, com pequenas interpolações nos capítulos primeiro e segundo. O terceiro capítulo parece ser um salmo acrescentado. Alguns eruditos pensam, para esse livro, em uma data entre 612 e 586 A.C.; mas, se Habacuque se encontrava no exílio, então seu poema, mais provavelmente, foi escrito entre 455 e 445 A.C., quando a Pérsia começou a mostrar que era suficientemente forte para derrotar a Babilônia e assim impor a justiça divina sobre aquele império. Habacuque ansiava por ver isso suceder, a fim de que fosse feita justiça contra um brutal opressor de Israel, sem importar os meios usados para tanto. O poema termina com o pronunciamento de uma lamentação sobre a Babilônia. Características distintivas de outros escritos proféticos, como uma ética específica, assuntos religiosos e um esboço da reforma do povo de Deus, não fazem parte do livro, que parece muito mais uma explosão de indignação contra a Babilônia, que levara a nação de Judá para o cativeiro, espalhando miséria e matanças generalizadas entre os judeus.

III. Data

Os eruditos não estão acordes quanto à questão da data. A única referência histórica clara é aos caldeus, em Hab. 1.6. E, com base nisso, a profecia tem sido datada no fim do século VII A.C., após a batalha de Carquêmis, ocorrida em 605 A.C. Nessa batalha, os caldeus derrotaram os egípcios, dirigidos pelo Faraó Neco, nos vaus do rio Eufrates, e marcharam para o Ocidente, a fim de dominar Joiaquim, de Judá. Entretanto, alguns estudiosos pensam que esse versículo se refere aos gregos (com o nome de quitim, o que aludiria à ilha de Creta; ver no Dicionário sobre Quitim). Nesse caso, estaria em foco a invasão de Alexandre, que partira do Ocidente, no século IV A.C., e não as invasões de Nabucodonosor, dirigidas do norte e do leste. Todavia, não existe evidência textual em favor dessa conjectura. O trecho de Hab. 1.9 refere-se ao grande número de cativos que houve, o que parece refletir o cativeiro babilônico.

No entanto, se Habacuque escreveu esse poema como um exilado, então a data mais provável é algum tempo entre 455 e 445 A.C. Mas a idéia mais comum é de que a data fica entre 610 e 600 A.C. Outros estudiosos, porém, salientam que o trecho de Hab. 1.5 mostra-nos que o soerguimento da potência em pauta ocorreu como uma surpresa, pelo que não seria provável uma data tão tardia quanto 612 A.C., quando os babilônios capturaram Nínive, ou 605 A.C., quando eles derrotaram o Egito. Para que tenha havido o elemento surpresa, supõe-se que uma data mais recuada deva ser concebida, como os últimos anos do reinado de Manassés (689—641 D.C.), ou então os primeiros anos do reinado de Josias (639—609 A.C.), quando a ameaça babilônica ainda era remota. Outros pensam que a Assíria é que está em vista, e não a Babilônia. Não obstante, é possível que a ameaça babilônica fosse antiga (com base na posição do autor sagrado, dentro da história), mas somente em cerca de 612 A.C. tenha-se tornado crítica para a nação de Judá.

IV. Estilo Literário e Unidade

A profecia de Habacuque apresenta três estilos literários distintos: 1. O trecho de 1.2–2.5 é um tipo de diálogo entre o profeta e Deus, que parece refletir porções do segundo capítulo do livro de Jó. 2. A passagem de 2.6-20 é o pronunciamento de "cinco ais" contra uma nação iníqua, mais ao estilo de outros livros proféticos do Antigo Testamento. 3. O terceiro capítulo é um longo poema, até certo ponto similar aos salmos, na forma em que os encontramos, aparentemente tendo em vista um uso litúrgico. Por causa dessa grande variedade de estilos, muitos têm pensado que o livro, na verdade, seja uma compilação, que gira em torno do tema comum da teodicéia, isto é, a justificação dos caminhos de Deus, em face de tanta malda-

de como há no mundo. Assim, há uma unidade temática, mas com grande divergência de estilo, o que sugere que diferentes matérias, de diversos autores, foram compiladas por algum editor.

Quase todos os eruditos liberais rejeitam a unidade do livro. Mas a maior parte dos conservadores (alguns de forma hesitante) aceita a unidade desse livro profético. Alguns supõem que a divergência quanto ao estilo possa ser explicada conjecturando-se que um mesmo autor, em ocasiões diferentes, escreveu o material, e então, finalmente, ele mesmo reuniu todo o material, formando um único livro. A adaptação do terceiro capítulo, para fins litúrgicos, poderia ter sido obra de outra pessoa, que trabalhasse como músico levita no templo de Jerusalém. É significativo que o Comentário de Habacuque, encontrado entre outros materiais escritos da primeira caverna do Qumran (ver no Dicionário sobre Mar Morto, Manuscritos do e sobre Khirbet Qumran), omita o terceiro capitulo desse livro. Todavia, os comentários encontrados em Qumran são irregulares, e essa omissão pode ter sido propositada nada refletindo no tocante à unidade do livro. Albright conjecturava que o Salmo de Habacuque, embora formasse uma unidade juntamente com o resto, continha reminiscências acerca do mito do conflito entre Yahweh e o dragão primordial do Mar ou do Rio. Porém, tal idéia requer que se façam trinta e oito emendas sobre o texto massorético, pelo que ela perde inteiramente a sua força.

V. Pano de Fundo e Propósito

Grandes eventos históricos haviam sacudido o mundo, pouco antes de este livro ter sido escrito. Israel, a nação do norte, fora levada para o cativeiro, pelo poder da Assíria. Mas o poderoso império assírio fora subitamente esmagado. Os egípcios haviam sido derrotados pelos caldeus. Portanto, surgira uma nova potência mundial, e Judá encontrava-se entre suas vítimas potenciais. Nabucodonosor estava expandindo o seu poder; e, dentro de um período de aproximadamente vinte anos, os caldeus já haviam varrido Judá, em sucessivas ondas atacantes, provocando ali uma destruição geral. Além disso, os poucos judeus que haviam sido deixados em Judá acabaram deportados para a Babilônia, em 598 e 597 A.C. Isso deixara toda a terra de Israel vazia de hebreus, mas reocupada por estrangeiros, em vários lugares estratégicos. Os profetas culpavam o declínio e a gradual apostasia de Israel por essas calamidades. O trecho de Hab. 1.2-4 descreve a depravação que ali se instalara. Contudo, a própria Babilônia era um exemplo máximo de corrupção. Como é que Deus poderia usar tal instrumento, a fim de punir aqueles que eram mais justos que esse instrumento, especialmente levando em conta que nem todo Israel e Judá haviam apostatado? O propósito principal do livro, pois, é a apresentação de uma teodicéia (ver a respeito no Dicionário). O profeta desejava justificar os atos de Deus, em face da iniqüidade do opressor, que fora usado como instrumento de castigo contra Israel. Quanto a isso, o livro de Habacuque está filosoficamente relacionado ao livro de Jó. Ver no Dicionário sobre o Problema do Mal. E outro propósito era a demonstração de que o instrumento usado por Deus para punir Israel, visto que era iníquo, seria castigado no seu tempo próprio. A justiça deve ser servida em todos os sentidos, embora, algumas vezes, os meios divinamente usados para produzi-la sejam estranhos e difíceis de entender.

A arrogância humana contém em si mesma as sementes de sua própria destruição (Hab. 2.4). Porém, o indivíduo fiel pode confiar na bondade de Deus, mesmo em meio aos sofrimentos físicos e ao julgamento. Desse contexto foi que se originou o versículo que diz "... o justo viverá por sua fé (ou por sua fidelidade)...". Fazemos aqui uma citação. "Como é claro, o pleno sentido paulino da fé não pode ser encontrado nessa passagem bíblica freqüentemente citada (ver Rom. 1.17, Gál. 3.11 e Heb. 10.38)" (ND).

VI. Canonicidade e Texto

A aceitação da autoridade do livro de Habacuque nunca foi posta seriamente em dúvida. Ele tem retido a sua posição de oitavo dos profetas menores, nas coletâneas e nas citações referentes à autoridade. Albright referiu-se à questão como segue: "O texto encontra-se em melhor estado de preservação do que geralmente se supõe, embora sua arcaica obscuridade o tornasse um tanto enigmático para os primeiros tradutores. Ele propôs cerca de trinta alterações no texto massorético, na esperança de poder compor um texto mais correto. No entanto, o descobrimento do Comentário de Habacuque, em Qumran, não alterou o nosso conhecimento sobre o texto. De fato, embora esse material sirva de boa fonte informativa quanto às idéias dos essênios, não tem nenhum valor para a interpretação do próprio livro de Habacuque. O texto possibilitou, no entanto, a restauração de textos originais, em alguns lugares onde antes havia dúvidas. Esse material dá testemunho sobre a unidade dos capítulos primeiro e segundo; mas, por omitir o terceiro capítulo, empresta maior crédito à opinião de que isso se deveu à adição feita por algum compilador, não sendo obra do autor original.

VII. Conteúdo e Mensagem

A. As Queixas do Profeta (1.1–2.20)

1. Deus faz silêncio, apesar da iniqüidade de Israel (1.2-4)

Deus responde que uma nação inimiga julgará Israel (1.5-11)

2. Deus julga, usando uma nação mais ímpia que a nação julgada (1.12–2.20)

a. Deus silencia, aparentemente, e olvida-se da crueldade dos caldeus (1.12–2.1)

b. Deus responde, revelando que Israel será salvo, mas a Babilônia será destruída (2.2-20)

B. Os Salmos do Profeta, na Forma de uma Oração (3.1-19)

1. A teofania do poder (3.2-15)

2. A persistência da fé (3.16-19)

A ira de Deus espalha a destruição. Mas é precisamente através disso que a nação de Israel é salva de suas próprias corrupções. O aspecto subjetivo da mensagem de Habacuque é que os justos viverão por sua fé. À parte de Isaías (7.9 e 28.16), nenhum outro profeta salientara o significado da fé e da oração confiante, da maneira que o fez Habacuque. Embora a terra seja desnudada pelos juízos divinos, o profeta regozijar-se-ia no seu Senhor (Hab. 3.17,18). O tema central da profecia de Habacuque é que o justo viverá por sua fé (Hab. 2.4), o que reaparece no Novo Testamento, sendo aplicado em significativos contextos (Rom. 1.17; Gál. 3.11 e Heb. 10.38,39).

VIII. Bibliografia

ALB AM E I IB WBC WES WHB YO

Ao Leitor

Melhor compreensão sobre este livro pode ser conseguida pelo estudioso sério se consultar a *Introdução,* antes de estudar o livro. Ali dou instruções sobre os principais temas e problemas do livro, como: o profeta Habacuque; caracterização geral; data; estilo literário e unidade; pano de fundo e propósitos: canonicidade e texto; conteúdo e mensagem. Habacuque foi um profeta de Judá, sendo provável que ele estivesse entre os exilados na Babilônia, ou após o exílio. Alguns conferem a este livro a data de 626 A. C. Ver a discussão sobre a *Data* na III seção da *Introdução.* Quanto ao que se sabe ou se conjectura sobre o profeta Habacuque, ver a seção I da *Introdução,* na parte chamada *O Profeta.*

Habacuque é um dos chamados *Profetas Menores,* que são doze. O termo *menor* não é um julgamento quanto ao poder ou à importância desses profetas, mas apenas uma referência à quantidade relativamente pequena do material por eles escrito. Os chamados *Profetas Maiores* (Isaías, Jeremias e Ezequiel) foram assim denominados por causa do material mais abundante que publicaram. Os chamados doze *Profetas Menores* foram agrupados em um único rolo, como se formassem um só livro, pelos eruditos judaicos, que os chamavam de "o livro dos Doze".

Ver o *gráfico* no início da exposição do livro de Oséias, onde apresento informações sobre os profetas do Antigo Testamento, incluindo a alegada ordem cronológica desses livros.

Tal como a maioria dos livros proféticos do Antigo Testamento, este livro tem um pano de fundo histórico nos jogos de poder internacional, os conflitos entre as nações. A Babilônia era o briguento internacional das nações da época, as quais declaravam guerra, matavam, estupravam e saqueavam outras nações. O profeta Habacuque teve o desejo de saber por quanto tempo a coisa poderia continuar sem que houvesse intervenção divina: por que os ímpios prosperam e os inocentes sofrem? A resposta essencial é dada pela *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Hab. 3 dá uma resposta potencialmente menos razoável: Deus é a *Causa Única;* e Ele provoca o levantamento e a queda de potências, usando-as potências para castigar outros povos. Porém, se Deus é a Única Causa, então Ele é a causa do mal, e não meramente do bem. Essa é uma teologia inaceitável, na qual vários escritores do Antigo Testamento ocasionalmente caíram. O hipercalvinismo também cai na mesma armadilha. Naturalmente, há *causas secundárias.* Os homens fazem coisas que Deus jamais planejou ou aprovou. Essa idéia salva-nos do *voluntarismo,* a noção diz que a vontade divina é suprema às expensas da razão e da lei moral. Ver sobre esse termo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

O Problema do Mal. O livro de Habacuque trata de certo aspecto do problema do mal. Sua resposta a por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem, é a lei da colheita segundo a semeadura. Essa é uma boa lei em si mesma, mas inadequada para explicar o porquê dos sofrimentos. Jó era homem inocente e, no entanto, sofreu. Ele não estava sendo punido por nenhuma infração sua. Portanto, por que sofreu? Não basta dizer simplesmente que foi "pela vontade de Deus", pois, assim respondendo caímos na irracionalidade do *voluntarismo.* Nem Jó nem o livro de Habacuque. Os livros apócrifos e pseudepígrafos, e mais tarde, os livros do Novo Testamento, apelaram para essa dimensão extra (a vida pós-vida), na tentativa de ajudar a solucionar esse problema.

Isso foi uma melhoria, mas mesmo assim muito sofrimento dos inocentes parece tão insensato e inútil e, de fato, tão *exagerado,* e para isso ainda não temos respostas totalmente adequadas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal,* quanto a um exame detalhado do problema. Emanuel Kant baseou um argumento em favor da existência de Deus e da sobrevivência da alma diante da morte física sobre a necessidade de ser feita a *justiça.* Ele pensou como segue: É claro que nesta vida mortal os bons com freqüência sofrem e são vítimas de abusos, enquanto homens ímpios prosperam e têm uma boa vida material. Assim sendo, Kant postulou um "mundo além deste", onde a justiça é servida. Para que isso ocorra, é preciso que exista Deus. De outra sorte, devemos dizer que o deus real deste mundo é o caos. Ademais, o homem deve sobreviver à morte física o tempo bastante para receber sua recompensa apropriada ou seu castigo por aquilo que praticou nesta vida. Conseqüentemente, a alma humana deve existir e sobreviver diante da morte biológica.

A teologia se ampliou e se aprimorou desde os dias de Habacuque, pelo que temos algumas idéias que ultrapassam das sugestões do seu livro. Mas continuamos abanando a cabeça, por causa de coisas que continuam ocorrendo neste mundo, aparentemente impunes.

"À semelhança de Jó, o profeta enfrentou honestamente o perturbador problema de por que Deus silencia quando o ímpio engole o homem que é mais justo do que ele (Hab. 1.13). Diante dessa muito repetida pergunta, Habacuque recebeu uma resposta que é eternamente válida: Deus continua sendo soberano e, à Sua maneira e no tempo próprio, Ele cuidará do caso dos ímpios. Mas 'o justo viverá pela fé' (Hab. 2.4)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando a introdução ao livro).

Habacuque, tal como Jó, não tentou resolver o problema do mal apelando para o pós-vida. Essa foi uma contribuição (biblicamente falando) da fé cristã.

Capítulo Um

Por que Deus Permite a Injustiça Tirânica? (1.1-17)

É conveniente dividir este livro em três partes, uma para cada capítulo. Portanto, sigo esse plano aqui. Cada capítulo, por sua vez, tem subdivisões, e quanto a essas subdivisões dou um título que indica a essência dos versículos daquela nação. Ver a *Introdução* para obter maior compreensão do livro de Habacuque, e ver também a porção inicial, *Ao Leitor,* quanto a alguns comentários adicionais que tocam em problemas especiais. Não reitero aqui esses materiais, mas prossigo diretamente para a primeira seção do livro.

Título (1.1)

1.1

Sentença revelada ao profeta Habacuque. Quanto ao pouco que se sabe ou se conjectura sobre Habacuque, ver a seção I da *Introdução.* Quanto ao tempo em que Habacuque escreveu, ver a seção III. Temos menção a um certo Habacuque na obra Bel e o Dragão (vss. 33-39), mas isso não parece ter conexão real com este livro. O homem é chamado de profeta, e sua mensagem aparece como tendo sido dada por Yahweh em vários trechos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Revelação* e *Iluminação.*

Sentença. Literalmente, no hebraico, temos uma palavra que significa "peso". De maneira superficial podemos dizer que oráculo, profecia, visão e peso são apenas maneiras de falar sobre a mensagem profética. Mas a palavra hebraica correspondente, *massa,* fala de alguma coisa que é levantada com dificuldade, algum objeto pesado. As sentenças são *mensagens pesadas,* algo difícil de suportar. É verdade, a palavra pode ser usada simplesmente como título para indicar declarações ou oráculos, como se vê em Pro. 30.1 e 31.1. Mas se já houve uma *mensagem pesada,* então Habacuque tinha uma mensagem pesada. Cf. as sentenças de Isa. 1.1; 15.1; 19.1; 21.1,11,13; 22.1; Jer. 23.33,38 e Naum 1.1.

Primeira Série de Perguntas (1.2-4)

1.2

Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Encontramos aqui um apelo tipo declaração de salmo, dirigida a Deus para explicar como tantos males podem estar acontecendo no mundo, e coisa alguma ocorre aos perpetradores de um mal espalhafatoso. O livro de Jó trata longamente desse problema. Ver também Jer. 12.1. Ver no *Dicionário* o artigo *Problema do Mal.* Cf. também Sal. 13.1; 74.10; 79.5; 89.46 e 94.3. Destruição, violência, ultraje, conflito, contenção e atos brutais, insensatos e sem misericórdia eram as palavras do dia.

O Profeta que Buscava. Yahweh havia desgastado Habacuque. O profeta buscara o Senhor por longo tempo, tentando obter respostas sobre como o homem ímpio e desvairado, o réprobo, em todo o sentido da palavra, pode continuar vivendo na impunidade. O profeta continuou buscando, sem receber resposta do céu. Yahweh parecia *indiferente* (ver as notas expositivas sobre Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1; 143.7 quanto à *indiferença divina*). Yahweh parecia não ouvir as orações dele, e as coisas ficavam cada vez piores. Ver Sal. 64.1 quanto a "ouvir"; e ver Sal. 143.1 quanto a "dá ouvidos". A palavra "violência" é usada aqui para sumariar o tipo de mundo que o profeta estava observando. Por quanto tempo essas coisas podiam continuar sem que acontecesse alguma coisa que parasse o processo todo? A palavra se repete nos vss. 3, 9 e Hab. 2.17. E cai como gotas de sangue sobre a página.

> *Eis que clamo: Violência! mas não sou ouvido; grito: Socorro! porém não há justiça.*
>
> (Jó 19.7)

1.3

Por que me mostras a iniqüidade, e me fazes ver a opressão? "O profeta estava perplexo. A iniqüidade e a violência pareciam continuar sem nenhum freio. Não haveria fim na maré visitante do pecado? Habacuque levou a Deus sua queixa? Deus respondeu: 'Estou fazendo algo. Judá será castigado pela Babilônia'. Então o profeta ficou ainda *mais* perplexo. A agonia de Habacuque se aprofundou e se tornou um profundo dilema. Portanto, ele continuou sua conversa com Deus. 'Por que usarias aqueles miseráveis bárbaros babilônios para castigar a Judá?'" (J. Ronald Blue, *in loc.*). Ver as notas expositivas sob o subtítulo "O Problema do Mal", sob "Ao Leitor", que antecede uma breve declaração sobre o problema que estava sendo enfrentado no livro. E, naturalmente, uma declaração mais completa é dada na *Introdução.* A maldade praticada pela nação de Judá atrairia o inimigo do norte, a Babilônia (vs. 6), a fim de aplicar o castigo apropriado em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Mas isso é apenas parte da razão que explica o sofrimento humano. Há muitas facetas nessa razão, e também há mistérios. Existem enigmas, como: "Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem?". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal.* Devemos lembrar que Judá, por meio de sua declarada idolatria-adultério-apostasia, tornou-se tão má ou pior do que os povos pagãos, e jogou fora, definitivamente a lei de Moisés, que era o *guia* deles (ver Deu. 6.4. ss.).

1.4

Por esta causa a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta. "As pessoas não são forçadas a obedecer aos ensinamentos. Ninguém é julgado de forma eqüitativa. Pessoas más ganham, e pessoas boas perdem. Os juízes não mais tomam decisões justas" (NCV). O profeta apresentou uma lista muito parcial e representativa dos pecados de Judá. A lei, que fornecera os ensinamentos morais, tinha sido abandonada. A nação de Judá tornou-se "destituída de lei". A justiça nos tribunais era uma piada, porquanto o dinheiro, e não a justiça, determinava o resultado dos julgamentos e os decretos dos reis. Trasímaco pensou sobre esse tipo de situação e decidiu que "o poder é direito". Aquele que tem o poder faz o que melhor lhe parece. Ele chega a estabelecer leis em favor de seu próprio interesse e, visto que é rico e poderoso, não há homem que possa chamá-lo à atenção. Em outras palavras, o *certo* é produto de homens maus. O que opera, *para eles,* é a verdade. Não há tal coisa como a verdade objetiva e final. Todas as verdades são pragmáticas e funcionais. Os judeus da época de Habacuque tinham-se tornado *ateus práticos.* Provavelmente professariam ter *crença* em Deus ou nos deuses, mas viviam em consonância com seus *interesses próprios,* que eram o seu deus real.

A lei se afrouxa. Literalmente, conforme diz a NIV, a "lei é paralisada", "esfriada", ou seja, é ineficaz, não produzindo nenhum resultado positivo. A lei tinha sofrido um golpe de nocaute, e a iniqüidade era o vitorioso incontestável. A justiça estava "pervertida", ou seja, "distorcida", com base no termo hebraico, *'aqal,* "dobrar ou torcer a forma".

Uma Verdade Surpreendente (1.5-11)

1.5

Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos, e desvanecei. A resposta para a inquirição do profeta viria a ele de maneira surpreendente. A corrupta nação de Judá seria severamente corrigida através da agência de um poder estrangeiro, a saber, a briguenta Babilônia, uma nação muito mais corrupta do que Judá, se isso fosse possível.

"Dentre os pagãos" virá o terror que corrige, o látego de Yahweh. Essa será uma *maravilha espantosa.* E deve ter parecido um ponto de admiração para o profeta, que não teria imaginado que tal instrumento corretivo seria usado. Outrossim, esse fenômeno viria na própria época do profeta. Ele seria uma testemunha do profeta. Embora houvesse uma divina revelação do fato, não era do tipo em que Habacuque teria crido. As ordens estão no plural, para incluir a observação do povo em geral, que ficaria surpreso diante do ataque que tinha por propósito curar, mas que seria realmente severo. Ver a citação paulina deste versículo em Atos 13.41. Mas ele aplicou essas palavras, como uma acomodação à missão do Messias entre os gentios. *Acomodação* significa que as palavras são aplicadas a uma idéia diferente do que o contexto original pretendia.

1.6

Pois eis que suscito os caldeus, nação amarga e impetuosa. Os *caldeus* são os mesmos *babilônios.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caldéia.* Essa palavra refere-se a um distrito do sul da Babilônia que fez parte do território da Babilônia em uma época posterior. Seu nome acabou referindo-se ao país inteiro. Ver também sobre a *Babilônia.* O povo é aqui descrito como "cruel e poderoso" (NCV). A NIV diz: "brutal e impetuoso". Eles eram opressores da primeira ordem e totalmente destituídos de restrições morais. As palavras hebraicas envolvidas são *mar* (amargo, brutal) e *mahar* (rápido, apressado, impetuoso). Ezequiel chamou esse povo de *'aris,* "que lança o terror". Ver Eze. 28.7; 30.11; 31.12 e 32.12. Em harmonia com sua natureza vil, eles estavam efetuando ataques generalizados (internacionais) contra povos vizinhos, matando e saqueando, apossando-se de territórios de não lhes pertenciam. "Judá era apenas uma partícula de poeira para o gigantesco aspirador de pó" (J. Ronald Blue, *in loc.*).

1.7

Ela é pavorosa e terrível. A Babilônia não se incomodava com a opinião pública ou as leis internacionais. "Cria, ela mesma, o seu direito e a sua lei" (NIV).

Eles promoviam sua própria honra e auto-engrandecimento, e não se importavam com a simpatia humana. "Eles faziam o que bem queriam fazer. Eram bondosos somente consigo mesmos" (NCV). Eram modelos de atos brutais e interesseiros, que deixavam espantados a outros pagãos. Foi um fato histórico interessante que Abraão tinha migrado de Ur da Caldéia, pelo que a história remota de Israel estava associada a esses povos. Mas agora os caldeus e os babilônios tinham entrado em erupção, e a lava deles fluía por todo o mundo conhecido na época. Era inútil esperar qualquer misericórdia. Eles eram um machado perfeito para decepar a nação de Judá. E o profeta Habacuque se admirava de que Deus usasse um instrumento de tão aviltado caráter para castigar o povo de Judá. Mas o *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*) comumente pinta Yahweh a usar qualquer tipo de látego em suas intervenções entre as nações e os indivíduos. Isso levanta questões morais do ponto de vista mais iluminado do cristianismo.

1.8

Os seus cavalos são mais ligeiros do que os leopardos. *Mais Descrições sobre os Babilônios.* Eles tinham os melhores cavalos de combate, tão velozes que pareciam correr mais do que os leopardos. O leopardo não é o mais rápidos dos grandes felinos, mas é muito mais veloz do que um cavalo. Além disso, o leopardo é animal de presa, que não tem misericórdia com as suas vítimas. E os babilônios eram mais ferozes do que os lobos que atacam ao escurecer do dia quando estão famintos, caçando vítimas para comer. Os babilônios eram *vorazes* e estavam sempre à procura de novas vítimas. De fato, eram como abutres sobrevoando a carniça, ou como águias que voavam à espera de encontrar uma presa, sobre a qual se precipitavam como uma flecha. Cf. Jer. 4.13; 5.17 e Lam. 4.19. Os réprobos babilônios devoravam tudo quanto podiam e ainda cativavam as poucas vítimas sobreviventes. Eram especialistas no *genocídio*. Cf. este versículo também com Deu. 28.49; Jer. 48.40; 49.22 e Eze. 17.5.

1.9

Eles todos vêm para fazer violência. Eles chegavam em um lugar para combater e matar. Essa era sua profissão e prazer. Seus exércitos saíam do deserto como se fossem redemoinhos, aterrorizando o coração de suas vítimas. Eles combatiam formando grandes hordas, como se fossem os grãos de areia do deserto, atirados pelas grandes tempestades de vento. Além disso, juntavam prisioneiros como se fossem apenas grãos de areia, ou seja, em grandes números, os quais eram reputados em pouco valor. Ninguém conta os grãos de areia em um deserto ou nas praias dos oceanos. O número é grande demais para ser calculado. Hordas de pessoas eram levadas para a Babilônia, para ali servirem como escravos. Diz o Targum: "A fisionomia deles era como o vento oriental", ou seja, como o vento destruidor que se levantava do deserto e espalhava confusão por toda a parte, destruindo a agricultura e impondo a fome.

1.10

Eles escarnecem dos reis, os príncipes são objeto do seu riso. Aqueles homens selvagens eram tão poderosos que zombavam de reis e de príncipes que lhes faziam oposição. Eles escarneciam das defesas e amontoavam grandes quantidades de terra para obter acesso às cidades, a fim de escalar suas muralhas. Formavam uma força armada incansável e sem misericórdia, pois aquela era a época dos babilônios. Mas chegaria um dia que poria fim a tudo isso, por meio da atuação de um poder superior. Mas isso viria tarde demais para fazer bem a Judá. A *rampa de assério,* que usualmente era apenas um grande montão de lixo, era um antigo modo comum de subir muralhas acima. Ver II Reis 19.32; Eze. 4.2. Mas os babilônios desenvolveram essa técnica em alto grau e tornaram-se conhecidos por seu uso esperto desse artifício. Portanto, as *muralhas* não lhes serviam de empecilho. Aqueles que favorecem uma data posterior para este livro tomam a parte final deste versículo como uma referência a Alexandre, o Grande, em seu uso dessa técnica. A invencível cidade de Tiro foi capturada através desse método.

1.11

Então passam como passa o vento, e seguem. Aqueles bandidos nem bem haviam acabado de massacrar um povo quando corriam apressados para achar outra vítima que aumentasse sua longa lista de conquistas. Eram homens cheios de pecados e corrupções, e o *poder* era o deus deles. "Eles eram culpados de adorar a sua própria força" (NCV). Eram advogados da teoria moral que diz que "poder é direito". O homem que é capaz de apontar seu canhão contra alguém para lhe impor a vontade, está com a "razão". Pois o poder é o deus deste mundo. Além de todos os seus outros pecados, eles eram culpados de *sacrilégio*, porquanto faziam de coisas profanas os seus deuses. "A força bruta dos armamentos era a deidade suprema dos caldeus. A espada e a lança deles eram seus ídolos. Cf. o vs. 16... Por conseguinte, Deus os levaria à ruína" (Ellicott, *in loc.*).

Segunda Série de Perguntas (1.12-17)

1.12

Não és tu desde a eternidade, ó Senhor meu Deus, ó meu Santo? Como podia o Deus Eterno e Santo empregar um instrumento como o que acaba de ser descrito? Neste versículo, o profeta tenta extrair consolo e segurança da verdade eterna do próprio caráter de Deus. Ele é Yahweh (o Deus Eterno) e Elohim (o Todo-poderoso). Ele também é o *Santo.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Santo de Israel,* quanto a esse título do Ser divino. Confiando naquelas qualidades divinas, o profeta esperava que houvesse salvação e livramento do poder da Babilônia. "Não morreremos", dizia ele. Isso seria uma verdade, segundo ele esperava, a despeito do fato de que fora Yahweh quem determinara que a Babilônia fosse uma potência atacante mundial. Isso seria verdade porque Yahweh também era sua *Rocha* e defesa, seu *Refúgio.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Rocha,* e ver *Refúgio* em Sal. 46.1. Em Sal. 42.9 dou notas adicionais sobre Deus como a *Rocha.* Assim sendo, embora o castigo tivesse de sobrevir, por estar isso de acordo com o decreto divino, Judá sobreviveria para viver para outro e melhor dia. "O inimigo era o instrumento usado por Deus para castigar, e não para demolir" (J. Ronald Blue, *in loc.*).

"*Santo,* implicando a separação de Deus do pecado e da fragilidade humana, termo usado, em sua maior parte, nos últimos livros do Antigo Testamento... *Rocha,* nome de Deus encontrado seis vezes em Deu. 32. Ver também Sal. 18.2,31; 95.1; Isa. 30.29" (Charles L. Taylor, *in loc.*).

1.13

Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal. *O Profeta se Apegava à Sua Fé.* O Deus santo nem ao menos pode contemplar o mal. O mal é por demais causador de desgosto aos Seus olhos. Sendo esse o caso, como parecia que Deus estava favorecendo aqueles homens perversos, conferindo-lhes poder e fazendo-os prosperar em seu caminho? Como poderia ele ser silente, quando aquelas terríveis criaturas devoravam homens mais justos do que eles? O profeta tinha dificuldade com a idéia do *imundo instrumento* usado na mão de Deus, *e também* com a idéia do que aquele instrumento imundo poderia fazer com Judá, o qual, embora miserável, era melhor do que os babilônios. Como o governo de Deus podia operar dessa maneira? Eram questões morais que o profeta não achava conformes com o seu conceito de Deus. Habacuque, pois, questionava a propriedade do governo de Deus sobre o mundo. "Por que Deus é *esse tipo* de Deus? Eis aqui um dos mais importantes degraus na história das especulações teológicas dos judeus" (Charles L. Taylor, *in loc.*). Habacuque buscava respostas para perguntas que o judaísmo de sua época ainda não tinha definido muito bem, pois certamente lhe faltava maior entendimento. Judá era um povo pecaminoso, é verdade, mas sua pecaminosidade era apequenada pelas atrocidades praticadas pelos babilônios. Contudo, Yahweh fazia *silêncio,* e não esclarecia as coisas. Quanto à aparente *indiferença* de Deus, cf. Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1 e 143.7.

1.14

Por que fazes os homens como os peixes do mar...? Os homens não pareciam ser mais disciplinados do que os peixes ou os répteis, ou os vermes que infestam a terra. Esses animais não têm governo, nem boa ordem, nem moralidade. Assim era o povo da Babilônia, moralmente falando. E, no entanto, Deus os usava para punir o Seu próprio povo!

A maioria dos intérpretes, contudo, aplica as declarações do presente versículo às *vítimas* da Babilônia. Por meio dos babilônios, Deus trataria Seu povo como peixes, répteis e vermes, como se eles fossem absolutamente destituídos de valor. Isso concorda melhor com o vs. 15. Diante dos babilônios, os judeus eram tão impotentes como os peixes e os insetos. "Todos os homens podem pescar no mar com impunidade; assim, os caldeus estavam castigando o povo de Deus com impunidade, como se Deus nem governasse o Seu povo. A teocracia tinha degenerado em anarquia" (Fausset, *in loc.*).

1.15

A todos levanta o inimigo com o anzol. A Babilônia tinha ido pescar; com seus tremendos anzóis, extraía peixes do "mar"; e, com as suas redes, recolhia grande número de pessoas, as quais seriam executadas para satisfação dos pescadores. A Babilônia tinha uma grande *rede varredoura.* A pesca era imensa, e os peixes eram tratados com ira sem misericórdia. Além disso, os miseráveis dos babilônios desfrutavam imensamente a matança, exultavam na dor alheia e reduziam o próximo a nada, cometendo genocídio. Cf. Jer. 16.16 quanto a uma figura similar. Os babilônios eram abertamente injustos e cruéis, e, no entanto, agiam como instrumento nas mãos de Yahweh. A *rede,* naturalmente, é uma vívida figura que representa a matança e o subseqüente cativeiro dos poucos sobreviventes.

1.16

Por isso oferece sacrifício à sua rede, e queima incenso à sua varredoura. Não há nenhum registro histórico que mostre que os babilônios e outros povos antigos realizavam sacrifícios às suas redes de pesca, pelo que esta declaração, com toda a probabilidade, é figurada. Os modos de *poder* que tornaram esse resultado possível, para que os babilônios fizessem o que faziam, já foram chamados de seus *deuses* (vs. 11). A rede aqui é uma referência ao uso do poder por aqueles homens temidos. Portanto, a *rede*, que se tornou objeto de sacrifícios, é uma extensão lógica dessa idéia. Heródoto (*Hist.* IV.62) conta que os citas anualmente faziam oferendas à *espoada,* símbolo da matança e da guerra. Ariano (*Anabasis* II.24.6) informa-nos que Alexandre, o Grande, armou uma máquina de assédio que foi usada para capturar Tiro, no templo de Melcarte. Essas coisas ilustram o espírito do presente versículo. As oferendas aqui indicadas seriam de animais, cereais e incenso, ou seja, um ritual completo prestado às "redes deificadas", o símbolo de sucesso na guerra. A guerra trouxe à Babilônia seus luxos e prazeres. Os romanos e outros povos amigos tinham "deuses da guerra", sendo esse um paralelo à idéia deste versículo. As nações atuais continuam adorando meios de destruição, vendendo armas para cometer matanças, o que se tornou um comércio internacional de tremendas proporções.

1.17

Acaso continuará, por isso, esvaziando a sua rede...? "Continuaria a Babilônia a recolher riquezas com a sua rede? Continuaria ela a destruir povos sem misericórdia?" (NCV) Poderia isso ser reconciliado com o conceito de um Deus santo e justo? Pois lemos que Deus aparece por trás do que os babilônios estavam fazendo. Deus nunca faria estacar a ganância e a violência daquele povo sem misericórdia? Esse poder adorava o *poder*. Que direito tinham eles de ser o látego de Deus? Isso parecia moralmente incongruente com o conceito de Deus como santo e justo. O próximo capítulo tenta dar algumas respostas a essas indagações.

Capítulo Dois

O Justo Viverá pela Fé (2.1-20)

Temos aqui um *cântico fúnebre* por causa da destruição da Babilônia por parte de Deus. O instrumento de destruição seria, por sua vez, destruído. Essa é a principal resposta do dilema expresso no capítulo 1. Como pode um Deus santo e justo empregar uma nação réproba como um chicote para punir a outros povos? Temos aqui a revelação que se propõe a dar resposta às vexantes indagações do capítulo 1.

A Resposta da Torre (2.1-4)

Agora temos a resposta às perguntas apresentadas em Hab. 1.2-4,12,13. Uma resposta lógica (mas adequada?) é dada ao dilema lógico que deixava o profeta perplexo.

2.1

Pôr-me-ei na minha torre de vigia. Habacuque estava esperando pela resposta divina. Ele subiu a uma torre como atalaia, e aguardava ansiosamente a resposta de Deus, como se fosse uma mensagem trazida por um cavaleiro que vinha de longe. O profeta havia feito uma pergunta quase impossível de ser respondida. Haveria resposta para tal indagação? "A prática de subir a uma elevada torre para garantir uma visão extensa sugere a figura aqui. Ver II Reis 9.17 e II Sam. 18.24. Em uma metáfora ainda mais ousada, Isaías apresentou-se como alguém que fora nomeado como atalaia, que trazia relatórios de sua torre" (Ellicott, *in loc.*). Ver Isa. 21.6,11,12.

2.2

O Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão. A revelação deveria ser reduzida à forma escrita, em tabletes. É possível que a referência seja a tabletes de pedra como aqueles sobre os quais foi inscrito o decálogo (ver Êxo. 24.12). Mas alguns intérpretes pensam estar em foco tabletes de cera, a qual era espalhada sobre uma tabuinha de madeira. Esses tabletes podiam ser postos em lugares conspícuos para que a população geral os visse e lesse. Além disso, um arauto percorria os lugares públicos com os tabletes e anunciaria, perto e longe, o que dizia a mensagem. "A visão dizia respeito ao futuro e deveria ser *preservada.* Deveria interessar a todos, tanto os bem-educados quanto os ignorantes, e deveria tornar-se imediatamente conhecida, a fim de aquietar mentes perplexas" (A. B. Davidson, *in loc.*).

2.3

Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado. "A revelação esperaria pelo tempo determinado para o seu cumprimento. Fala sobre os últimos dias e não será falsa. Embora a mesma demore, espera por ela. Por certo virá, e não demorará" (NIV). Toda a profecia requer o uso da paciência, porquanto o futuro ocorre pelo arranjo *divino* das coisas. Não se pode abrir uma porta enquanto não chegar o tempo determinado. Mas chegado o tempo de a porta ser aberta, algumas vezes ela se abre por si mesma, ou mediante pequeno esforço. Algumas vezes, porém, ainda precisamos trabalhar arduamente para que a porta se abra, mas essa porta abrir-se-á por ter chegado o *tempo aprazado.* Há um cronograma divino dos acontecimentos. O corredor segue laboriosamente os eventos, e a corrida pode ser longa. Mas há um fim determinado para todas as coisas. O corredor atingirá seu alvo. O tempo determinado por Deus está decretado. Não poderá ser apressado e nem adiado. Os homens perdem a ansiedade sobre as coisas quando confiam no cronograma divino. O hebraico literal aqui é gráfico: O propósito "esforça-se por chegar ao fim", como um corredor que envidou grande esforço na corrida e atinge a meta resfolegando. Nossa versão portuguesa diz "se apressa".

2.4

Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé. *O Homem Mau Fracassará.* "A nação que é má e confia em si mesma falhará" (NCV). Os dias da Babilônia estavam contados. O chicoteador seria chicoteado. Aquele povo arrogante vivia tufado como um bando de sapos, mas estavam somente saltando para a sua própria destruição. Aqueles réprobos viviam mergulhados em seu orgulho, e isso mostraria ser fatal. Ver Pro. 16.18. Por conseguinte, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) foi a primeira parte da resposta para a pergunta sobre como seria possível que Deus usasse um povo ímpio para chicotear Seu povo (muito melhor).

A *segunda parte* da resposta divina foi que, se houvesse alguma pergunta restante, então o homem piedoso teria de "viver pela fé", enquanto esperava outras revelações. Ou então, mediante diferente tradução, o homem justo terá de viver *fielmente*, exibindo sua fidelidade diante de Deus e dos homens. *Esse homem* será salvo da destruição que ferirá os ímpios. O *versículo,* naturalmente, foi usado no Novo Testamento (ver Rom. 1.17; Gál. 3.11; Heb. 10.38) com aplicação muito diferente. Ali, está em pauta a justificação pela fé, dentro do sistema cristão baseado na missão de Cristo. Esses três usos estão obviamente empregados por *acomodação.* Vale dizer, as palavras são empregadas sem consideração pelo contexto original, acomodando-se a uma nova idéia. Ver, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o artigo sobre *Acomodação,* onde ilustro como o Novo Testamento freqüentemente emprega versículos do Antigo Testamento dessa maneira.

Os israelitas piedosos continuariam crendo na justiça e na santidade de Deus, a despeito de certas perguntas espinhosas. E também viveriam na fidelidade a Yahweh, leais ao Senhor. Viveriam no bem-estar e na prosperidade, a salvo do chicote babilônico. Eles teriam a segurança divina, prosperidade e crescimento espiritual. Porém, não está em pauta nada acerca da alma. O profeta não estava olhando para a existência da alma nem para algum pós-vida. Mas o Novo Testamento faz essa questão destacar-se, com sua salvação evangélica por meio da fé.

Introdução aos Ais (2.5-6a)

2.5

Assim como o vinho é enganoso, tão pouco permanece o arrogante. Diversos *ais* estão agora prestes a ser proferidos sobre a Babilônia (ver os vss. 6,9,12,15 e 19). Os vss. 5-6a fornecem uma descrição mais detalhada sobre o povo que tão ricamente merece sofrer esses "ais". *Cinco ais* devem ser sofridos por aqueles pecadores ousados que desconsideram o próximo e saem a matar e saquear. Tal prática não pode continuar para sempre.

Esses homens embriagados são muito chegados ao vinho, que é traiçoeiro e ajuda os pecadores a ser o que são. O vinho engana as pessoas, e aquela gente vivia enganada pelo vinho. Ademais, o vinho simboliza como o orgulho pode enganar uma pessoa e perverter sua vida. Todavia, o homem arrogante está na vereda da destruição (ver Pro. 16.18). Ele tem ganância tão grande quanto a boca do *sheol,* que nunca se satisfaz com o número de mortos que devora. Nunca obtém morte suficiente, embora medre com a morte. Chega mesmo a devorar nações inteiras, mas nunca se satisfaz. Era assim que a maldade inspirada dos babilônios os enviava pelo mundo como um tornado a praticar o mal. Ver no *Dicionário* sobre o *sheol,* que usualmente se refere à sepultura. Quanto a versículos onde essa palavra tem o sentido expandido para indicar mais que a sepultura, chegando a significa uma existência pós-vida, consciente, na melancolia, ver Sal. 88.10; 139.8; Isa. 14.0; 29.4; Pro. 5.5.

Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé.

Habacuque 2.4

*** *** ***

Qualidades da Fé

- As Escrituras visam produzir a fé nos seus leitores (II Tim. 3.5).
- A fé é guia da vida espiritual (Heb. 10.38).
- Sem fé é impossível agradar a Deus (Heb. 11.6).
- A fé opera pelo amor (Gál 5.6; I Tim. 5; Filemon 5).
- A fé produz a esperança (Rom. 5.2).
- A fé torna a oração eficaz (Mat. 21.22).

*** *** ***

FÉ

Oh, Mundo, não escolheste a melhor parte!
Não é sábio ser apenas sábio,
E fechar os olhos para a visão interior;
Mas é sabedoria acreditar no coração.
Colombo achou um mundo, e não tinha mapa,
Salvo o da fé, decifrado nas estrelas.
Confiar na empresa invencível da alma
Era toda sua ciência, toda sua arte.
Nosso conhecimento é uma tocha fumegante
Que ilumina o caminho um passo de cada vez,
Através de um vazio de mistério e espanto.
Ordena, pois, que brilhe a luz terna da fé,
A única capaz de dirigir nosso coração mortal
Aos pensamentos sobre as coisas divinas.

George Santayana

Palavras concernentes a Alexandre ilustram aptamente este versículo:

Um mundo não era suficiente para a mente de Alexandre;
Ele parecia engaiolado na terra,
E confinado pelos mares.

(Juvenal, *Sat.* x.168)

Contudo, quando Alexandre morreu, o sarcófago preparado para ele era grande demais para seu corpo!

2.6a

Não levantarão, pois, todos estes contra ele um provérbio...? Quando a Babilônia caísse, as outras nações haveriam de zombar e sorrir. Inventariam provérbios zombeteiros contra ela. A essência dessas zombarias estão contidas nos *cinco ais* que se seguem.

Provérbio. Ou seja, *zombaria,* cântico com alusão oculta e provocativa, insulto dito de modo tolo. O profeta falava sobre "cânticos escarnecedores". A palavra hebraica *masal,* entretanto, é bastante lata e pode significar provérbio, ode, e talvez até cântico fúnebre.

A Tirania é Autodestruidora: Os Cinco "Ais" (2.6b-20)

Cf. a passagem similar de Jer. 5.8-22. O "ai" é uma interjeição de agonia proferida por causa de algum desastre, retrocesso ou situação consternadora. Os babilônios lançaram muitas sementes do mal e agora teriam de apanhar a triste colheita. "Ai da rapacidade precipitada que não poupa nem a vida nem as propriedades" (Ellicott, *in loc.*).

"*Os Cinco Ais.* Esses ais foram endereçados contra uma nação que atacava as pessoas e obtinha lucro pela violência, edificava cidades por meio de atos violentos, degradava desavergonhadamente seus vizinhos e confiava em ídolos. Aplicados originalmente aos assírios, babilônios ou macedônios, esses ais tinham uma referência universal, acusando toda a tirania humana" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 6).

O Primeiro Ai (2.6b-8)

2.6b

Um dito zombador. Um ganho desonesto, o acúmulo de bens materiais, terras, objetos valiosos de qualquer tipo, através da violência, e não mediante o trabalho honesto. Contra esse tipo de conduta, o primeiro "ai" foi proferido.

"Por quanto tempo mais aquela nação enriqueceria forçando outras nações a lhes pagarem tributo?" (NCV), fazendo a referência ser essencialmente ao tributo cobrado das nações derrotadas. "O primeiro ai compara os babilônios a um penhorista inescrupuloso que empresta dinheiro a juros exorbitantes. Como despojo para o opróbrio bem deles, eles acumulavam sem misericórdia as riquezas das nações" (J. Ronald Blue, *in loc.*). Por quanto tempo um agressor dessa natureza teria permissão para continuar ajuntando um lucro mal ganho? Cf. Hab. 1.2.

A si mesmo se carrega de penhores. Diz literalmente o original hebraico: "carrega-se com barro espesso!", referindo-se a um usurário. Talvez haja aqui uma alusão ao ouro e à prata que os homens tiram do barro (solo). Aqui, o homem ganancioso, que obtém tudo quanto pode mediante a cobrança exagerada de juros sobre os empréstimos, é o babilônio que cobrava pesados tributos de povos derrotados.

2.7

Não se levantarão de repente os teus credores? Os devedores dos babilônios eventualmente se cansariam da exploração que os estava vitimando, juntar-se-iam e aniquilariam o opressor. "Algum dia, as pessoas de quem arrancaste dinheiro se voltarão contra ti" (NCV). Esses farão o cobrador das "dívidas" (tributos) tremer de medo, porquanto chegarão com o propósito de matar. Portanto, a tirania é autodestruidora.

A Babilônia se tornaria a vítima. Essa nação havia atacado e extorquido (Hab. 1.6,16). Agora chegara a sua vez de ser atacada e extorquida. A troca de potências internacionais substituiria a Babilônia pelos medos e persas. Aqueles que estavam no caminho da "saída" sempre eram terrivelmente derrotados. Israel-Judá, sempre pequeno demais para realmente combater as grandes potências, era jogado como uma peteca para cá e para lá.

"Aqui o profeta discute os cinco grandes ais, que correspondem aos julgamentos de Deus. Esses julgamentos, em um sentido muito real, tinham embutida em si a estrutura moral da vida... Para o profeta, nada havia de automático quanto ao destino das almas. Homens como Habacuque sempre encontravam Deus presente" (Howard Thurman, *in loc.*). "O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra" (vs. 20).

2.8

Visto como despojaste a muitas nações, todos os mais povos te despojarão a ti. Os *vizinhos de Judá* ao oriente estavam cheios de zombarias e jactância. Eles ajudariam à Babilônia a cumprir seus maus desígnios contra Israel-Judá. Planejavam ficar com parte do território que fosse conquistado. De fato, seus maus desígnios agiriam como bumerangues contra sua própria cabeça. A brutalidade da Babilônia cairia sobre a cabeça dessas nações. Moabe ficaria tão devastada que faria lembrar Sodoma (ver Sof. 2.8), e os filhos de Amom ficariam tão aniquilados que fariam lembrar Gomorra. Esses réprobos colheriam o que haviam semeado (ver Pro. 22.8 e Gál. 6.7,8). Essas nações tinham sido violentos saqueadores, pelo que seriam violentamente saqueadas. Elas tornar-se-iam terras desoladas, repletas de mato daninho, espinheiros e minas de sal, uma desolação para sempre. Suas terras ser-lhes-iam arrancadas, e Israel-Judá participaria da nova distribuição de terras. Cf. este versículo com Sof. 2.8,9; Isa. 16.6; Jer. 48.29; Amós 1.13-15 e 2.1-3. Ver também Gên. 19.24-28.

"Se o quadro de vingança aqui não é particularmente edificante, esta passagem pode sugerir a sorte do orgulho conforme retratado algures no Antigo Testamento, em passagens como Isa. 14.4-6 e 47.1-15 (contra a Babilônia); Eze. 27.1-36 (contra Tiro) e Dan. 5.22-24 (contra Belsazar)... e pode servir de lembrete de que esse pecado se acha entre as transgressões que foram denunciadas particularmente por Jesus" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*). Quanto ao orgulho e à humildade contrastados, ver Pro. 6.17; 11.2; 13.10; 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4; 30.12,32. Ai dos que se engrandecem por meio da violência e da esperteza!

O Segundo Ai (2.9-11)

2.9

Ai dos que são destemperados, orgulhosos, saqueadores, cobiçosos das coisas que outras pessoas possuem. Esses serão vitimados pela lei da colheita segundo a semeadura e receberão conforme a gravidade de seus crimes. Ver sobre a *Lex Talionis* (retribuição segundo a gravidade do crime cometido) no *Dicionário.* Ver a exposição acima, combinada com o vs. 8, quanto à parte inicial deste "ai". Os detalhes continuam nos vss. 10-11.

A águia babilônica, que voava alto, tornar-se-ia um verme babilônico que se arrastava ao nível do solo. A Babilônia parecia estar fora de ação da retaliação. Mas o tempo provaria o contrário.

2.10

Vergonha maquinaste para a tua casa. Continuam aqui os detalhes do *segundo ai.* Aqueles povos ímpios se exaltavam acima dos outros como se fossem reis acima de aldeões, e viviam zombando e vangloriando-se. As notas sobre os vss. 8-9 cobriram com muitas referências esse aspecto de sua depravação. O povo contra o qual eles se opunham era o filho de *Yahweh-Sabaote,* Deus Eterno, General dos Exércitos; portanto, o castigo deles estava garantido e seria severo, tal como descreve o vs. 9. Aqueles que tinham cortado tantos povos finalmente seriam *envergonhados* devido à sua violência e ganância. Eles sofreriam devastadora retaliação tanto da parte de Deus quanto da parte dos homens. O que eles fizeram pôs em perigo a sua própria vida. O assassino seria assassinado. Aquele que devorava seria devorado. Cf. Pro. 8.36. "Ai daqueles que brandem a espada. Pela espada deverão perecer" (Mat. 26.52).

"O plano deles de destruir a outros, a fim de estarem em segurança, fracassou redondamente. Uma casa edificada sobre corpos torturados e esqueletos não pode ser habitada. Em sua ansiedade de levantar um monumento, eles edificaram uma casa de vergonha" (J. Ronald Blue, *in loc.*).

2.11

Porque a pedra clamará da parede. Continuam aqui os detalhes sobre o *segundo ai.* Os materiais que eles tinham usado para erigir seu monumento de auto-engrandecimento clamariam: "Assassinos sangrentos!". A madeira que eles tinham empregado, mas que havia sido furtada de outros, juntar-se-ia na repreensão contra eles. Eles seriam envergonhados pelas próprias coisas que pensavam tomá-los grandes pessoas...

O Terceiro Ai (2.12-14)

2.12

Ai daquele que edifica a cidade com sangue. Este é um ai contra os obreiros da iniqüidade e contra tudo quanto eles fazem, pois há desastre e extermínio à espera deles. A Babilônia tinha edificado cidades e fortalezas através do

genocídio. Suas cidades foram construídas com *sangue.* As ondas da violência têm uma maneira de retornar contra aqueles que as criam. A forma de tirania adotada pela Babilônia pertence à pior espécie de tirania. Alicerçava-se sobre o assassinato e os saques, o que representava total desconsideração pelo valor dos seres humanos. Quantos projetos de construção eles tinham! Essas edificações estavam fundamentadas sobre poças de sangue. Eles se vangloriavam da grandeza de seus edifícios, mas estes foram edificados pelo labor forçado de outros, que eram os poucos sobreviventes das matanças provocadas pelos babilônios.

"A Babilônia edificava e se expandia por despojos comprados a sangue (ver Dan. 4.30)" (Fausset, *in loc.*). Suas cidades eram construídas com os ossos dos esqueletos de outros povos, cimentados pelo sangue desses povos. Mas agora onde estavam aqueles negociantes com os corpos e as almas dos homens? Poderá alguém responder?" (Adam Clarke, *in loc.*).

2.13

Não vem do Senhor dos Exércitos que as nações labutem para o fogo...? Prosseguem aqui os detalhes relativos ao *terceiro ai.* "O Senhor dos exércitos celestiais enviará fogo para destruir o que aquele povo tinha edificado. Toda a labuta das nações resultará em nada" (NCV). Note o leitor o nome divino: *Yahweh-Sabaote,* o Deus Eterno e General dos Exércitos. É o poder Dele que estabelece a diferença em última análise. Ele intervém na história humana, recompensando ou punindo. O Criador não abandonou o Seu universo, mas intervém nas atividades humanas, recompensando ou punindo de acordo com os princípios das leis morais. Contrastar isso com o *Deísmo* (também no *Dicionário*), que diz que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou o seu universo ao encargo das leis naturais. "O Senhor Todo-poderoso, o Soberano do universo, declarou que seu trabalho ambicioso fora todo feito em vão. O labor do povo é apenas combustível para o fogo (cf. Jer. 51.58). As pedras cuidadosamente lavradas que eles tinham usado serviam como o altar da madeira ornadamente esculpida, que serviria para acender uma gigantesca fogueira que deixaria a Babilônia em cinzas" (J. Ronald Blue, *in loc.*). Eles se cansavam em um esforço fútil. A satisfação dos desejos pelo poder e pela grandeza seria consumida na fogueira dos julgamentos de Yahweh.

2.14

Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor. Continuam os detalhes sobre o *terceiro ai.* Este versículo cita Isa. 11.9 (onde ofereço notas expositivas), mas adiciona as palavras "a glória do Senhor", que é o objetivo do "conhecimento". A aplicação também é ligeiramente diferente, visto que ali temos uma restauração geral das nações envolvidas. Aqui a idéia principal é que a Era vindoura eliminará todos os meros esforços humanos e fará entrar em ação a obra do Deus Todo-poderoso, que é plena de glória. O esforço humano de nada adiantará. Mas o esforço divino produzirá a restauração generalizada de todos os povos. De acordo com os padrões humanos, a Babilônia fez um grande trabalho, mas tudo foi, afinal, consumido pelo fogo. Em contraste, a obra de Deus glorificará Sua pessoa e beneficiará todos os povos de maneira real e duradoura. A glória perene de Deus encherá a terra, em contraste com a obra vergonhosa da Babilônia, que não durou quase nada. Cf. também este versículo com Núm. 14.21; Sal. 72.19 e Isa. 6.3. Ver ainda Jer. 31.34. Os estudiosos dispensacionalistas vêem aqui o *milênio.* Ver esse termo no *Dicionário.* Nações escravizadas engrandeceram a grande Babilônia. Em contraste, a grandeza de Deus tornará grandes a todos os povos.

O Quarto Ai (2.15-17)

2.15

Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro. Este quarto ai volta-se contra os que degradam a seus semelhantes. Isso nos fornece ainda outra contemplação sobre os atos bárbaros dos babilônios. O profeta Habacuque enfocou sua luz sobre a desumanidade e a indignidade dos babilônios conquistadores. A Babilônia forçava seus vizinhos a beber de sua taça de dor e destruição. Ao embebedar seus vizinhos, os babilônios os expunham à vergonha, e os babilônios se compraziam em contemplá-los nessa condição de degradação. Eles se riam de sua nudez e embriaguez, que eles mesmos tinham causado. Os que agirem dessa maneira terminarão tendo de sorver a taça da ira do Deus Todo-poderoso (ver Apo. 16.19; Sal. 76.8; Jer. 25.26; Lam. 4.21).

> *O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia...*
>
> (Filipenses 3.19)

2.16

Serás farto de opróbrio em vez de honra. Continuam aqui os detalhes sobre o *quarto ai.* "Vós, babilônios, recebereis a ira do Senhor, e não o Seu respeito. Essa ira será como um copo de veneno na mão direita do Senhor. Provareis dessa ira e caireis no chão como se fôsseis pessoas embriagadas" (NCV). O texto hebraico contém aqui a pequena crueza de que o "prepúcio" daquele povo seria descoberto em sua desgraça. Isso significa que os pagãos "incircuncisos" seriam envergonhados de suas barbaridades e de sua total desconsideração pela lei divina. O grego (a Septuaginta) e a versão siríaca suavizam a crueza mediante uma substituição. O NIV contém o eufemismo: "Serão expostos!". Para um homem, ser incircunciso já era sinal de opróbrio. Ele estava fora do pacto abraâmico (ver a respeito em Gên. 15.18), cujo sinal era a *circuncisão* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. I Sam. 17.36, "este filisteu incircunciso" (referindo-se a Golias, considerado da forma mais desprezível). Seja como for, aquele povo desprezível, que tinha forçado outros povos a beber de seu cálice de ira, seria obrigado a sorver a taça da ira de Yahweh (ver Apo. 16.19). Ver também Isa. 51.17 e Jer. 25.15-17.

Note o Leitor o Contraste. O vs. 15 tem os babilônios fazendo pouco daqueles que eles mesmos tinham embriagado e desnudado. Aqui, os babilônios sofrem a mesma desgraça, pois Deus os embriagara!

2.17

Porque a violência contra o Líbano te cobrirá. "Feriste a muita gente no Líbano. Agora, porém, serás ferido. Mataste muitos animais ali. Agora ficarás amedrontado. Ficarás com medo por causa do que fizeste naquelas cidades, contra o povo que nelas residia" (NCV). Cada declaração combina com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* bem como com a *Lex Talionis* (retribuição em consonância com a gravidade do crime cometido). Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.*

As desgraças da Babilônia seriam acumuladas contra o reino animal, e não meramente contra os homens. É verdade que a crueldade contra os animais é sinal de um povo incivil. Quanto mais civilizado se torna um povo, tanto mais respeito ele terá pelo bem-estar dos animais. A Babilônia, entretanto, era um povo que tanto matava os animais quanto torturava os seres humanos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Animais, Direitos dos e Moralidade dos.* Ver Jon. 4.11 quanto à preocupação do Senhor com os animais. O Líbano tinha sofrido a matança de seus habitantes, a destruição de suas florestas (para edificação dos palácios babilônicos), bem como a matança dos animais da floresta – todos atos insensatos e imorais. Mas a Babilônia acabaria aterrorizada por causa de suas barbaridades insensatas. A criação de Deus, nos seus aspectos humanos, animais e vegetais sofrera as indignidades do horrendo povo babilônico. Agora, nada poderia deter a retaliação divina.

O Quinto Ai (2.18-20)

2.18

Que aproveita o ídolo, visto que o seu artífice o esculpiu? Um ai por causa da *idolatria* (ver no *Dicionário*). Na base de toda a iniqüidade dos babilônios estava o alicerce da idolatria. Na Babilônia não havia espaço para um culto autêntico, mas cultos abomináveis abundavam por toda a parte. Os ídolos eram feitos de pedra, metal ou madeira; eram obras das mãos humanas, e eram tão corruptos quanto os homens que os fabricavam. Eram cegos, surdos e mudos seus fabricantes. Eram imagens de mentira que enganavam as pessoas para que confiassem nas vaidades e nas superstições. Cf. este versículo com Isa. 44.9-20; 46.2; Jer. 10.8,14; Zac. 10.2. "Sabemos que o ídolo de si mesmo nada é no mundo" (I Cor. 8.4). Contudo, todos os homens, até certo grau, são idólatras, o que demonstra a depravação do coração humano. Nosso ídolos podem ser mais sofisticados que os ídolos antigos, mas, não obstante, são ídolos. O *prazer* é o principal dos ídolos. Não olvidemos, entretanto, o dinheiro, o auto-engrandecimento, o poder e a fama, coisas em que as pessoas desgastam a vida, servindo-as. Todos os ídolos são mentirosos, pois dão às pessoas a ilusão de que elas estão ganhando algo pela adoração a coisas.

2.19

Ai daquele que diz ao pau: Acorda! e à pedra muda: Desperta! Prosseguem aqui os detalhes sobre o *quinto ai.* Este versículo se constitui de *zombarias* que fazem lembrar as coisas que Elias gritou contra seus oponentes (ver I Reis 18.26,27). Homens ridículos gritam para seus ídolos igualmente ridículos e esperam que os ídolos respondam. Um fabricante de ídolos, que também é adorador de ídolos, olha para o pedaço de madeira que ele mesmo esculpiu, formando uma imagem de escultura, e diz: "Levanta-te! Dá-me uma revelação!". Ele diz ao pedaço de madeira que fique vivo e *desperte* de seu sono de madeira. Tal homem é um toleirão e está cuidando de um culto insensato. Sua mente é feita de madeira, tal e qual seu ídolo. Ele recobre a madeira com ouro e prata para aumentar seu "prestígio" e valor. Mas tal embelezamento não aprimora as realizações daquele objeto inanimado. Sem nada dizer, pois, os ídolos dizem mentira, porque as pes-

soas acreditam na eficácia de deuses que nada representam, e são enganadas por sua fé vã e mera superstição.

2.20

O Senhor, porém, está no seu santo templo. *Conclusão.* Em contraste com aqueles deuses que nada representam, consideremos Yahweh, em Seu templo celestial, o Poder criador e sustentador de toda a vida. Tanto Yahweh quanto Seu templo são santos, diferentemente da idolatria dos povos pagãos, que é abominável. Embora os homens baixem ordens a ídolos que nada são, eles têm de fazer respeitoso silêncio na presença do Deus Vivo. Em contraste com os ídolos, o Senhor requer respeito da parte dos homens, em vez de ordens tolas. Cf. este versículo com Sof. 1.7; Zac. 2.13; Sal. 46.10. "Por conseguinte, o fim deste capítulo 2 retorna ao pensamento de seu versículo inicial, de que o homem deve esperar no Senhor (vs. 3)" (Charles L. Taylor, Jr., *in loc.*). Somos lembrados que o Deus Vivo não se mostra indiferente diante do pecado, conforme demonstram os *cinco ais*. "Que toda alma se prostre diante Dele e se submeta à Sua autoridade" (Adam Clarke, *in loc.*) "Que a terra inteira silencie diante Dele e se coloque de pé respeitosamente, reverenciando-O, sujeitando-se a Ele, adorando-O em silêncio" (John Gill, *in loc.*). "Ele cessou suas denúncias contra o invasor e encontrou consolo nas gloriosas antecipações de uma ode lírica (Hab. 3.1-5), que aparece em seguida" (Ellicott, *in loc.*). Cf. esta parte do versículo com Jó 40.4; Sal. 46.8; Sof. 1.7 e Zac. 2.13.

Capítulo Três

Salmo de Louvor (3.1-15)

Encontramos aqui um exaltado poema de 30 linhas (parecido com os Salmos 42 e 43). Os Salmos 146 a 148 são atribuídos a Ageu e a Zacarias. Talvez o salmo de Habacuque originalmente fizesse parte de alguma coletânea de salmos, mas terminou aqui como uma boa maneira de concluir sua profecia. Os vss. 1-19 fornecem uma oração do profeta, sob a forma de hino ou salmo. "Na realidade, temos aqui um hino que exalta a marcha para avante, da parte do Senhor, na vitória, com a salvação de Seu povo. Esse poema magnificente exibe as características de um salmo, incluindo orientações litúrgicas, e provavelmente foi adicionado posteriormente, talvez originário dos círculos da profecia cúltica. Note o leitor que as expressões "forma de canto", "Selá" e "mestre de música" são termos técnicos no saltério: Salmo 7, título; pág. 4, título)" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução a este capítulo).

"Visto que os capítulos 1 e 2 abordam o problema do sofrimento, deve ter parecido apropriado a um editor adicionar ao livro este *hino de louvor* a Deus, pela ajuda que o Senhor prestara ao Seu povo, em seu tempo de necessidade" (Charles L. Taylor, Jr., na *introdução* ao capítulo). Os eruditos conservadores, como é natural, pensam que este terceiro capítulo é parte integral da composição original. Na verdade, entretanto, os Papiros do Mar Morto, no *Comentário sobre Habacuque,* não contêm este capítulo. Essa é uma poderosa e antiga autoridade em favor da teoria da adição. Ver os comentários à seção IV da *Introdução,* onde trato do problema de maneira abreviada, deixando-o sem conclusão certa. Seja como for, nossa preocupação deve ser com a mensagem deste salmo, e não tanto se Habacuque o escreveu ou não, já que este poema é uma produção notável, independentemente da autoria. Este capítulo é um pináculo de louvor, uma apta conclusão ao problema tratado nos capítulos 1 e 2 — o sofrimento humano. Por quê? Uma resposta possível é que na companhia da *presença* divina os homens são capazes de suportar seus sofrimentos e sentir que existem respostas reais e boas ao *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário*), ainda que não possam compreender intelectualmente o discernimento recebido intuitivamente.

Título do Salmo (3.1)

3.1

Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto. A seguir temos um hino-oração-salmo do profeta Habacuque. Cf. os Salmos 17; 84; 90; 102 e 142, que também são chamados *orações*. Esse hino foi composto "sob a forma de canto", o que também é dito no subtítulo do Salmo 7). A Septuaginta interpreta como segue: "apropriado para quem toca instrumentos de cordas". A palavra hebraica correspondente é obscura, mas parece relacionada a "cambalear para cá e para lá", o que poderia ser uma referência à idéia de que certos salmos eram realizados (entoados) com acompanhamento musical e também com danças. Os subtítulos dos Salmos são adições posteriores sem nenhuma autoridade canônica, representando apenas conjecturas sobre circunstâncias que acompanhavam o uso dos salmos nos cultos do templo de Jerusalém. Ver a introdução ao Salmo 7, quanto a outros detalhes.

Introdução (3.2)

3.2

"Senhor, tenho ouvido as notícias a Teu respeito. Senhor, estou admirado diante das coisas maravilhosas que tens feito. Faze grandes coisas de novo, em nosso próprio tempo. Faze essas coisas acontecer outra vez, em nossos próprios dias. Mesmo quando estiveres irado, lembra-te de ser gentil conosco" (NCV). O profeta estava lembrando o que ele mesmo tinha lido nas Escrituras, bem como o que ouvira ser dito pelos intérpretes das Escrituras. E estava muito impressionado com tudo isso, ansiando por ver "manifestações nos dias modernos" dos antigos milagres.

A época de Habacuque foi dura e cheia de sofrimentos, principalmente por causa dos atos insensatos dos homens, que abundavam. Ele desejava ver uma intervenção divina em favor de si mesmo e de seu povo. Essa intervenção seria um ato de misericórdia em favor de um povo exausto. Algumas vezes precisamos do toque místico, de que a sombra da presença divina passe por sobre nós. Algumas vezes, as coisas fogem do controle, e então precisamos da ajuda do controle divino direto. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Quanto ao *temor* do Senhor, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor,* bem como em Sal. 119.38 e Pro. 1.7.

"Com base no que Habacuque tinha ouvido, o profeta solicitou, com toda a confiança, que Deus fosse Deus. Nesse movimento divino, entretanto... ele quis certificar-se de que não haveria um julgamento divino generalizado que atingisse tanto os inocentes quanto os culpados" (Howard Thurman, *in loc.*).

O Aparecimento da Teofania (3.3-15)

3.3

Deus vem de Temã. A *presença* divina, ao descer sobre o monte Sinai, fez esse monte incendiar-se (ver Êxo. 19). Mas em Seu circuito universal, Ele também veio de lugares próximo como Temã (outro nome para Edom) e o monte *Parã* (região montanhosa do golfo de Aqabah, entre Edom e o Sinai). Essa é a mesma informação dada no cântico de Débora (Juí. 5.4). Yahweh vinha de vários lugares (e até de todos os lugares) para ajudar Seu povo. Elias foi buscar ajuda divina nos locais citados, que eram o berço da fé religiosa de Israel (ver Deu. 33.2). Poeticamente falando, o profeta falava da área geral do monte Sinai, onde Israel havia sido dado à luz (mediante a lei) como nação distintiva (ver Deu. 4.4-8 quanto a essa caráter distintivo). Note o nome divino aqui usado, *Elohim,* o Poder, capaz de ajudar Seu povo em qualquer necessidade. Então Ele é chamado de Aquele que preenche toda a terra e é louvado universalmente. "Deus apareceu da região do Sinai e marchou na direção de Edom, tal como aconteceu por ocasião do êxodo (ver Deu. 33.2; Juí. 5.4)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

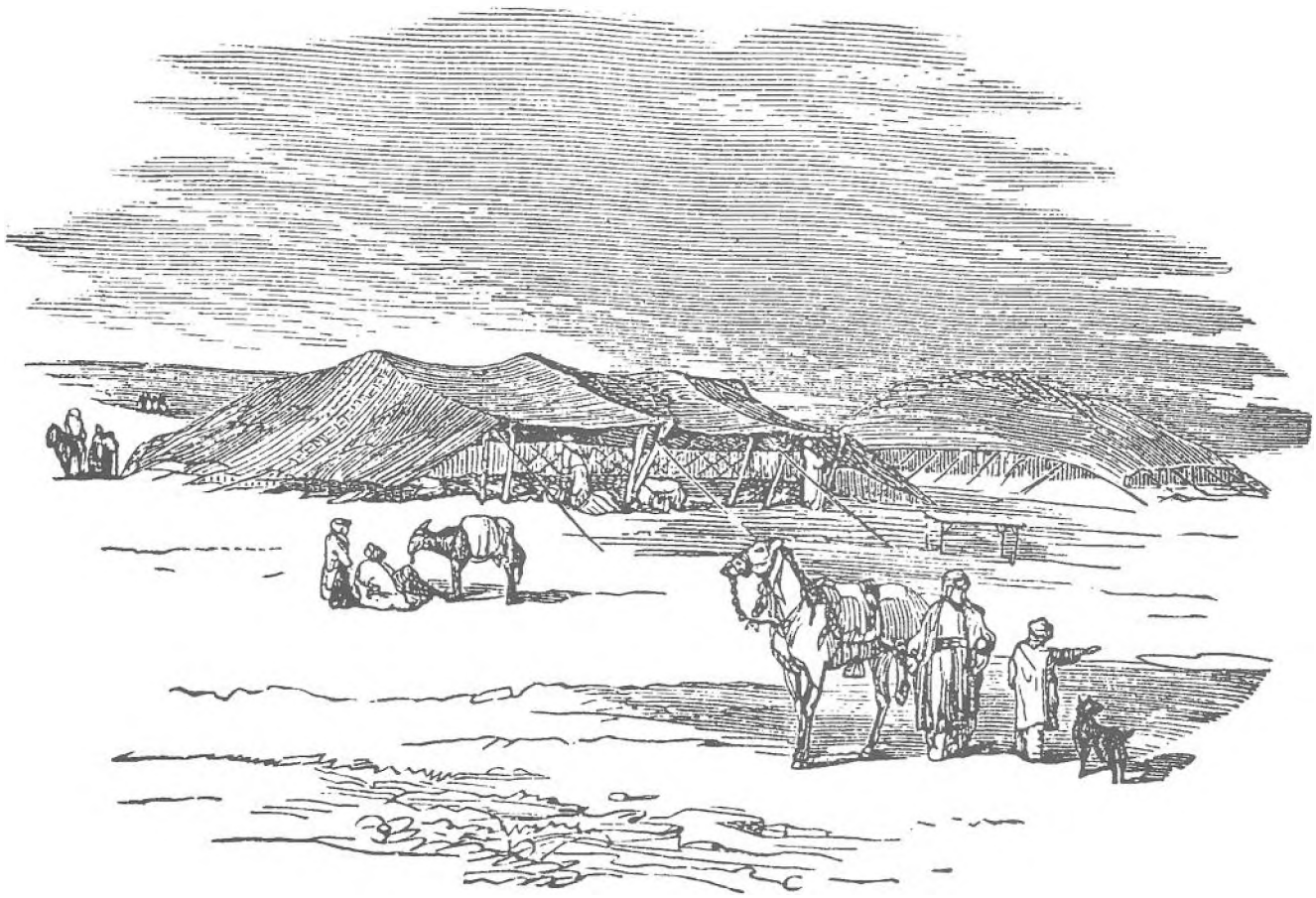
Selá. Não se sabe, hodiernamente, o que significa esta palavra hebraica. Sua raiz, porém, parece significar "levantar" ou "exaltar" e pode ter sido tão-somente um comando para os instrumentos musicais entrarem em ação, levantando o tom musical, provendo assim um interlúdio musical. Ofereço comentários a respeito em Sal. 3.2, e solicito que o leitor examine essas notas expositivas. Ela aparece novamente nos vss. 9 e 13 deste capítulo, e pode ser vista 71 vezes no livro de Salmos. Ver sobre os nomes próprios deste versículo no *Dicionário.*

3.4

O seu resplendor é como a luz. "Ele é como uma lua resplandecente. Raios de luz são despedidos por Suas mãos. E ali Ele oculta o Seu poder" (NCV). A figura simbólica aqui usada é a do *sol nascente.* Os raios de Deus são despedidos por Suas mãos (Revised Standard Version), ao passo que a King James Version diz: "Ele tinha chifres saindo de suas mãos". O original hebraico é controvertido. Alguns estudiosos pensam que os *chifres* são cachos de cabelos, os quais, como os cachos de Sansão, fazem alusão à Sua *força.* O mais provável, entretanto, é que devamos pensar nas *trovoadas* causadas pelos relâmpagos que saem das mãos de Deus. Diz a tradução inglesa NIV: "Raios chispavam de Sua mão", e é na mão que Deus "oculta o Seu poder". Ver sobre a "mão divina" em Sal. 81.14; e ver sobre a "mão direita" em Sal. 20.6. Quando o sol apareceu no horizonte, o profeta acompanhou os raios que ele viu sair da mão de Deus. Geralmente pinta-se o sol, nos desenhos, com raios, como se formassem uma cabeleira, estendendo-se em todas as direções. Luz e calor, que sustentam a vida inteira, saem de uma grande bola de fogo, e aqui Deus aparece como o Sol espiritual.

3.5

Adiante dele vai a peste. O Deus luminoso também espalha pragas sobre a face da terra, conforme fez, mais conspicuamente, no Egito, por ser Ele o Deus dos julgamentos contra o mal. Por isso Deus é quem produz tanto a luz quanto as trevas. Ele propaga a luz que transmite vida, mas também espalha a pestilência (literalmente, *calor requeimante* ou *relâmpagos de fogo*). Cf. o que aqui é dito com



Tenda árabe (Layard), *Smith's Bible Dictionary.*

Vejo as tendas de Cusã em aflição; os acampamentos da terra de Midiã tremem.

Habacuque 3.7

Uma tenda geralmente era uma habitação temporária, feita de um tecido forte, com pêlos de cor negra. Desde a remota antiguidade tem sido a residência típica dos beduínos, dos árabes nômades dos desertos da Arábia, da Síria e do norte da África. Essas tendas são de vários formatos: cônicas, ovais e oblongas.

Êxo. 7.14-11.10, e cf. a pestilência aqui referida com Deu. 32.24. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pragas do Egito*. A *providência de Deus*, em seus aspectos negativo e positivo, controla todas as coisas. Ver sobre esse título no *Dicionário*. Ver também o verbete intitulado *Soberania de Deus*. As pragas se manifestam como "carvões em brasa" (King James Version) que acompanham os passos do Senhor quando Ele avança, e se espalham em seu ato de andar. Seu circuito é universal, e isso significa que o mundo inteiro está sujeito ao bem ou ao mal, em consonância com os ditames da lei moral.

3.6

Ele pára e faz tremer a terra. Deus se preparava para julgar e aquilatava a terra quanto ao bem e ao mal. Mas alguns estudiosos pensam estar em pauta a divisão da terra de Israel em porções tribais, segundo clãs e famílias. Esse foi outro ato da providência divina, visando o benefício de Seu povo. Algumas versões, porém, em lugar de "faz tremer", apresentam a tradução "mede". Isso se deriva de compreender o emprego de uma raiz diferente no hebraico. As duas raízes, como é óbvio, são bastante parecidas. Ele *sacode* as nações, Ele espalha as montanhas eternas (talvez falando de altos poderes), Ele faz as colinas eternas afundar (talvez referindo-se, igualmente, aos poderes humanos ou reinos que a providência divina precisou manusear a fim de favorecer o Seu povo). Ou então temos pintado o tremendo poder do Criador, que faz o que é de Seu agrado à face da terra, e não permite que nenhum obstáculo O impeça.

> *Ele monta a tempestade e cavalga no vento alado;*
> *Entre trovões Ele rasga os céus baixos;*
> *Fontes e rios, oceanos e inundações obedecem,*
> *E as profundezas do oceano cedem diante de Seus passos;*
> *Os montes tremem e as colinas se afundam,*
> *Enrodilhados no pó, pela carranca do Todo-poderoso,*
> *Quando Deus desdobra os terrores de Seus olhos,*
> *Todas as coisas, horrorizadas, tremem e jazem*
> *em confusão.*
>
> (Ésquilo, fragmento)

3.7

Vejo as tendas de Cusã em aflição. Um texto hebraico difícil (e talvez corrompido), assim traduzido pela nossa versão portuguesa. Mas alguns intérpretes preferem a tradução que diz: "As tendas de Cusã foram rasgadas em pedaços". Ou então: "A terra de Midiã estremeceu". Esses dois locais testemunharam as vagueações do povo de Deus pelo deserto, bem como a presença de Deus entre eles, o que lhes causava temor e queda na aflição e no tremor. O poder de Deus, demonstrado às margens do rio Vermelho lançou no terror as nações circunvizinhas, reduzindo-as à angústia. Ver Êxo. 15.14-16; Deu. 2.25; Jos. 2.9; 5.1. A referência é as *tendas* deles, que podem falar do estado precário dos judeus diante da presença de Deus.

"O julgamento moral de Deus é inerente ao processo inteiro da criação, bem como ao governo divino do que foi produzido. Nada existe que não esteja incluído nesse movimento divino. Deus está em Seu santo templo, e o Seu santo templo é toda a terra (Hab. 2.20)" (Howard Thurman, *in loc.*).

Alguns intérpretes entendem que a palavra "Cusã" refere-se a Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia, na Síria, o primeiro opressor de Israel (Juí. 3.8,10). Então Cusã aparece como Midiã, nos dias de Gideão (Juí. 6 e 7). Mas, no presente contexto, isso parece envolver uma deslocação.

3.8

Acaso é contra os rios, Senhor, que estás irado? Estaria Deus irado com a própria natureza, enquanto marchava com Seu povo e aplicava Seu julgamento? Estaria Deus irado com os rios — com os cursos de água — com o mar? A alusão parece ser à divisão do mar Vermelho e ao represamento do rio Jordão. Ver Êxo. 14.15-18; 15.8-10; Jos. 3.14-17. Antes disso, por ocasião das pragas do Egito, Ele tinha ferido as águas, incluindo o rio Nilo (ver Êxo. 7.20,21). Yahweh chegava a perturbar a natureza a fim de favorecer Seu povo, e essa foi uma notável revelação de Sua força e bondade, que avançavam de mãos dadas. Uma figura popular para representar o poderoso Deus consistia em retratá-Lo como um guerreiro montado a cavalo, carregando na batalha. Cf. Sal. 77.16-20, que emprega outras "figuras que representam poder". Ver também Sal. 114.5-8. Contrastar a figura deste versículo com os cavalos babilônicos em Hab. 1.8,9. Os egípcios atiraram-se contra os israelitas montados a cavalos, somente para encontrar Yahweh em pé de guerra contra eles (ver Êxo. 14.14 ss.).

3.9

Tiras a descoberto o teu arco. O arco era tirado da bainha para ser usado na guerra contra homens ímpios e desalmados, trazendo justiça à terra. "Comandaste muitos arcos para serem trazidos a ti" (NCV). Esta cláusula tenta traduzir um texto hebraico obscuro. Certo erudito listou mais de cem diferentes traduções desse texto. Praticamente cada palavra tem sido contestada e apresenta possíveis significados alternativos. A King James Version diz: "De acordo com os juramentos das tribos". Esta tradução, radicalmente diferente das demais, dará ao leitor uma idéia das maneira diferentes em que as palavras podem ser compreendidas. Nesse caso poderíamos traduzir por: "Varas (flechas são usadas por uma palavra)" como se fossem mísseis enviados pelo decreto de Yahweh. Cf. a essência do significado aqui com o fogo consumidor de que fala Deu. 32.24; as flechas bêbadas de sangue (ver Deu. 32.42), que fazem parte de seu juramento de vingança (ver Deu. 32.41).

Selá. Esta palavra hebraica é usada três vezes neste salmo (vss. 3,9,13). Ver as notas expositivas no vs. 3 e em Sal. 3.2.

Finalmente, o poder de Deus é demonstrado também pela maneira como ele cruza a superfície da terra com rios, que podem atuar como forças destruidoras ou agentes transmissores de vida, dependendo dos atos negativos ou positivos da providência de Deus. Cf. Êxo. 17.6 e Núm. 20.11. O Targum compreende isso como as *inundações* que provocam destruição; mas a outra idéia é preferível.

3.10

Os montes te vêem e se contorcem. Outras "declarações baseadas na natureza" foram adicionadas para ilustrar o imenso poder do Criador, que continua a intervir em Sua criação. Quando os montes entrevêem Yahweh, começam a tremer, o que é uma referência a terremotos literais, ou simboliza como os grandes reinos e poderes terrenos estremecem ao vê-Lo. E então águas que produzem espumas, como o mar, ou rios rápidos e inundantes, são movidas pelo Senhor. O mar faz seu grande ruído por causa da intervenção divina sobre a natureza. O mar levanta suas "mãos" (ondas) ao alto, para consternação dos homens que por ela são ameaçados. O monte Sinai estremeceu por causa da presença do Senhor (ver Êxo. 19.18; Sal. 114.4,6,7). O mar Vermelho e o rio Jordão se contorceram, por ordem do Senhor (ver Sal. 77.16,19 e 114.3,5).

As profundezas do mar. No hebraico, *tehom*, equivalente hebraico do mitológico *Tiamate*, o monstro marinho que representava o *caos*. Marduque teria dividido esse monstro em duas partes, por ocasião da criação. O significado disso é que Deus, o Criador, controla o caos, fazendo Sua vontade prevalecer universalmente.

3.11

O sol e a lua param nas suas moradas. Os poderes de Yahweh são cósmicos, controlam o sol e a lua, e lhes conferem movimentos e habitações apropriados. Mas o poder divino também os faz *parar* em suas veredas, sempre que a vontade de Deus requer isso. O sol e a lua pararam quando viram suas flechas atiradas contra seus alvos. As atividades da natureza são suspensas quando as tempestades de raios chegam com seu poder faiscante. Além disso eclipses tanto do sol como da luz parecem clamar por uma pausa nas atividades celestes. Deus, em Sua providência e em Sua ira, controla a natureza, pelo que com igual certeza controla o destino dos homens e das nações. O longo dia de Josué provavelmente estava na mente do profeta quando ele escreveu este versículo. Ver Jos. 10.1,13. Os pagãos chamavam de flechas de Júpiter o granizo, o relâmpago e as tempestades de trovoada. Os fenômenos meteorológicos usualmente eram associados à atividade divina, na mente dos antigos.

3.12

Na tua indignação marchas pela terra. O autor sagrado continua aqui a idéia de tempestades violentas que representam como Deus varre a superfície da terra em Sua fúria judicial. Nações inteiras foram pisadas aos pés quando Deus assim ordenou, e os fenômenos naturais e o terror de exércitos em marcha se puseram em movimento, sob as ordens do General, o Deus *Sabaote*. Yahweh era como um Gigante trovejador que marchava pela largura da terra, sacudindo o planeta terra inteiro a cada passo, esmagando os maus e defendendo os bons. Alguns vêem aqui a conquista do território de Israel pelo poder de Yahweh-Sabaote. Ele esmaga os povos pagãos como um agricultor esmaga o cereal. Sua ira deu a vitória ao povo de Israel. Cf. Miq. 4.13.

3.13

Tu sais para salvamento do teu povo. O propósito da marcha de Deus era o de esmagar a iniqüidade e trazer a salvação (o livramento) a Seu próprio povo. Sem a Sua intervenção, Israel jamais teria conseguido coisa alguma.

Para salvar o teu ungido. Na verdade, "os teus ungidos", no plural, ou seja, o povo de Israel, coletivamente falando, mas o singular é correto e isso levanta a

questão da natureza da referência: 1. Moisés, o líder no deserto; 2. Josué, o líder durante a conquista da Terra Prometida; 3. um rei-sacerdote, no tempo dos Macabeus; 4. uma referência geral a qualquer líder especial que Deus empregue em tempos de crise; 5. a referência também pode ser escatológica: o Messias; 6. pode estar em pauta algum favor especial aos judeus como um todo, o que exigiria a forma singular, conforme encontramos em nossa versão portuguesa.

Seja como for, a vitória vem através de algum líder especial quando os ímpios (de qualquer época) são esmagados, a fim de conduzir Israel à segurança e à salvação. Um livramento especial para Israel é visto na motivação dos atos destruidores de Yahweh.

O Golpe Completo: O oponente do povo de Deus terminou quando seu crânio foi esmagado e por ter sido *desnudado da cabeça ao dedão do pé* (NIV). A referência parece ser a ferimentos múltiplos e fatais, aplicados contra o seu corpo. Diz o texto hebraico, literalmente, "descobrindo o alicerce até o seu pescoço". Em outras palavras, a cabeça inteira e o pescoço foram decepados, como se tivesse sido atingido o próprio alicerce. A decapitação arrancava o pescoço das vítimas, e não somente a cabeça. "A casa inteira dos caldeus foi destruída, desde a raiz até os ramos" (Ellicott, *in loc.*). Mas a referência parece ser geral: todos os inimigos de Israel devem sofrer esse tipo de destruição devastadora...

Selá. Ver as notas expositivas sobre esta palavra, no vs. 3.

3.14

Traspassas a cabeça dos guerreiros do inimigo. O líder foi aniquilado, e outro tanto aconteceu a seus guerreiros, pois cada um deles teve sua cabeça traspassada com as flechas de Yahweh. Eles chegaram como um redemoinho contra Israel, e teriam alcançado êxito, não fora a divina intervenção. Yahweh aparece aqui como um glorificado Deus da Guerra, o que está em consonância com contínuas circunstâncias agitadas, de extrema violência, que Israel estava sempre vivendo. Novamente, a referência mais provável é geral, falando coletivamente das muitas crises militares de Israel, das quais eles tinham sido libertados pelo poder de Deus. "Seus soldados precipitaram-se contra nós, para nos espalhar, como se fossem uma tempestade. Estavam contentes como se estivessem roubando o povo pobre em segredo" (NCV). A *alegria* derivada da matança e do saque (que era o salário dos exércitos antigos) é difícil de ser compreendida por nós. Somos informados que até os cavalos de guerra dão todos os sinais de satisfação diante da matança e do jorrar do sangue.

3.15

Marchas com os teus cavalos pelo mar. Deus, em Sua intervenção, fez o que era impossível aos homens: pisou os mares com Seus cavalos. Ele marchou "atravessando o mar", é outra tradução possível. Conforme avançava, Deus agitava as águas em terrível frenesi. Provavelmente, a alusão é à marcha de Israel atravessando o mar Vermelho. As águas do mar Vermelho foram divididas para permitir-lhes a passagem, mas se tornaram um sepulcro de água para o egípcios, o que concedeu aos filhos de Israel vitória total e definitiva. Ver Êxo. 14.15-18 e 15.8-10. A vitória de Deus provocou tremenda agitação nas águas internacionais, uma agitação que o povo de Israel nunca pôde esquecer. Cf. Sal. 77.19.

Quando Israel saiu da servidão
Jazia diante deles um mar.
O Senhor estendeu Sua poderosa mão,
E fez o mar rolar para trás.

(H. J. Zelley)

Conclusão: A Reação do Profeta (3.16-19)

3.16

Ouvi-o, e o meu íntimo se comoveu. O vs. 2 deste capítulo é a introdução ao salmo; este versículo é a conclusão do salmo. O profeta ouviu um relato acerca de Yahweh e da temível natureza de Seus atos, e pôde apreciar o Seu poder. Agora, o profeta tremia; tinha perdido o controle sobre os próprios músculos; seus lábios estavam trêmulos; seus passos cambaleavam. Então ele se acalmou para esperar, tranqüilamente, pelo dia da tribulação que rapidamente se aproximava, o temível ataque contra os babilônios, que tinham sido usados por Yahweh para punir Seu povo. Ele podia esperar o aniquilamento completo dos babilônios por parte dos medos e persas, visto que sabia que a justiça seria servida; e era isso o que ele desejava ardentemente. O salmo do profeta narrava muitas vitórias de Yahweh-Sabaote sobre os inimigos de Israel, e ele sabia que, uma vez mais, isso diria a verdade. "Embora trêmulo diante da calamidade que está prestes a acontecer, contudo descanso em Deus (ver isa. 26.3)" (Fausset, *in loc.*).

3.17

Ainda que a figueira não floresce, nem há fruto na vide. Este versículo sumaria as devastações que Israel-Judá havia experimentado por meio do julgamento divino através dos babilônios. A agricultura havia fracassado; as figueiras nem ao menos floresceram, e muito menos produziram figos; a produção das oliveiras reduziu-se a nada; os campos não geraram nenhum tipo de colheita; os animais domesticados morreram em seus estábulos. Aqui o autor volta às suas descrições tipo salmo. "Mesmo no meio da *ruína absoluta* e da fome abjeta (que ocorreu quando os babilônios capturaram Jerusalém; ver Lam. 2.12,20; 4.4,9,10 e 5.17,18), o profeta estava preparado para confiar em Deus. Ele percebeu a *paz interior* que ultrapassava todo o entendimento, que não dependia da prosperidade externa" (J. Ronald Blue, *in loc.*).

No tocante às perguntas sobre a justiça de Deus, que provocaram a escrita do livro presente, agora temos outra resposta, além daquela sobre a lei da colheita segundo a semeadura: há um *paradoxo,* mas, de alguma maneira, a *fé* pode existir em meio a toda essa condição, onde não encontramos respostas seguras. Mas a fé é a vitória que vence o mundo. Ver I João 5.4.

Ele me guia, ó bendito pensamento!
Ó palavras carregadas de consolo celestial!
O que quer que eu faça, onde quer que eu esteja,
A mão de Deus continua a orientar-me.

(Joseph H. Gilmore)

3.18

Todavia eu me alegro no Senhor. Embora, pelo momento, o profeta estivesse no abismo da derrota e da desolação, Habacuque retinha sua esperança. "Sua certeza jamais deveria ser deixada à mercê das vicissitudes da vida que o circundavam. Ele tinha de encontrar o testemunho de Deus em seu próprio coração, pois, do contrário, jamais poderia achar esse testemunho" (Howard Thurman, *in loc.*).

... na esperança que envia um raio brilhante
lá no fim do caminho alargado do futuro.

(Washington Gladden)

Havia temor e tristeza nas circunstâncias da vida, mas havia alegria no coração do profeta, porquanto em Elohim, o *Poder,* ele encontrou livramento de todo o dano. É conforme dizia Sócrates: "Nenhum dano pode sobrevir a um homem bom, finalmente".

Sim, Jesus é a Verdade, o Caminho, Aquele
que levará você ao descanso.
Confia Nele sem demora,
E serás plenamente abençoado.

(J. H. Stockton)

Que o leitor compare a expressão de confiança do apóstolo Paulo, em Rom. 8.37:

Em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou.

3.19

O Senhor Deus é a minha fortaleza. *Adonai-Yahweh,* o Senhor Eterno e Soberano garante a esperança e a fé, mesmo quando as circunstâncias são adversas, mesmo quando não há respostas adequadas, do ponto de vista racional, para o problema do mal: por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Na hora da provação, Yahweh é a força do homem. Ele é o Deus soberano, que tranqüiliza todos os nossos temores. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Soberania de Deus.* Eventualmente, Sua vontade graciosa deverá triunfar. O nome divino, *Adonai-Yahweh,* é empregado 217 vezes em Ezequiel, mas somente 103 vezes no restante do Antigo Testamento. No livro de Amós encontra-se 19 vezes, mas somente 5 vezes nos outros Profetas Menores. Temos aqui a única ocorrência desse título no livro de Habacuque.

A força que Deus outorga é revigorante, como o poder que a gazela tem em suas patas. A corça podia percorrer a escura floresta com pés ligeiros, e outro tanto podia fazer o profeta nas escuras experiências da vida. As pernas do profeta tremeram (vs. 16), mas agora se fortaleceram e se tornaram ligeiras. O animal de patas ligeiras pode subir aos mais elevados picos montanhosas para percorrer os cumes dos montes. A corça torna-se, assim, o símbolo da força, da firmeza dos passos, da beleza e da alegria de viver. Cf. Deu. 23.13; II Sam. 22.34; Sal. 18.33.

Quanto ao andar por *lugares elevados,* ver Deu. 33.29; Miq. 1.3; Amós 4.13; II Sam. 1.19,25. Quanto ao Senhor como a *força* do crente individual, ver Sal. 18.32,33; II Sam. 22.33,34.

"Deus capacita o profeta e Seu povo a escapar dos seus inimigos, retornando rapidamente à terra deles, uma terra coberta de colinas, lugar de segurança e eminência (ver Gên. 19.17). Fica implícita a elevação de Israel acima de todas as regiões da terra (Deu. 33.29)" (Fausset, *in loc.*).

Pós-escrito. "Ao mestre de música. Para instrumentos de corda". No hebraico original encontramos a palavra *neginoth,* geralmente interpretada como "instrumentos de corda", visto que a idéia de "tanger" é inerente ao vocábulo. Os salmos eram entoados. Cf. os subtítulos do Salmo 4. E também aparece nos subtítulos dos Salmos 6, 54, 61, 67 e 76.

Então, em um cântico mais nobre e mais doce,
Cantarei o Teu poder para salvar,
Quando esta pobre língua, balbuciante e gaga,
Estiver jazendo, silenciosa, no sepulcro.

(William Cowper)